



Arte e identidade: colonização cultural e vivência de si

1ª Questão

Os bens artísticos são produções carregadas de significação, que ativam memórias e histórias, nos apresentando um modo particular de transmissão de saberes, crenças, pensamentos e subjetividades. Uma forma de expressividade que vai além da capacidade argumentativa da linguagem, mas que se revela através de sensações, sentidos e sentimentos. Por isso articula razão e sensibilidade, sendo resultado de um processo cognitivo e também sensível.

Como resultado desse processo, o objeto artístico é ao mesmo tempo um produto histórico/cultural, vinculado a uma época e um povo específicos, associados aos valores de seu momento histórico; uma produção subjetiva e particular, fruto da criatividade e de expressividade de um indivíduo ou de um grupo de pessoas; e uma construção formal, onde materiais e técnicas se relacionam. Assim, a arte representa valores e conceitos individuais, próprios dos artistas, mas também revelam conceitos e valores de pertencimento, identitários.

A construção social da memória e da identidade é defendida por autores como Pollak (2010), Pe (1990) e Bauman (2005). Segundo Pollak (2010), "a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência ao critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros. Vale dizer que memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas, e não são fenômenos que devem ser compreendidos como essências



de uma pessoa ou de um grupo" como campos negocia-
veis, a identidade, assim como a memória, se torna um
campo conflituoso, que engloba valores e razões disputadas
entre os diferentes grupos sociais e políticos. As questões
identitárias estão carregadas de conceitos e ideologias,
que não estão distantes do campo artístico, mas que po-
dem se revelar através de suas obras.

De uma forma ampla, a História da Arte ociden-
tal apresenta padrões hegemônicos, etnocêntricos e exclu-
dentes, de representação. Países em valores euro-america-
nos, silenciaram memórias e identidades, furtas de
um passado de exploração colonial.

Anibal Quijano (2009) afirma que a colonialidade sus-
tenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica
da população do mundo como pedra angular do referi-
do padrão de poder, e se opera em diversos planos,
meios, materiais e dimensões da existência social. Potenciali-
zando-se no cotidiano dos povos silenciados por meio
de agressões promovidas pelo poder imperial, manifesta-
do-se através dos pensamentos das práticas hegemônicas
colonialistas, onde as diferenças culturais são folclorizadas,
negadas e nunca consideradas legítimas. A colonialida-
de é uma tendência a universalizar e a validar apre-
nar um tipo de embocamento, que parte de único
lugar de poder como verdadeiro e legítimo, a Europa.
Diferente mente do colonialismo, que vincula a ideia
de dominação/exploração territorial pela autoridade,
"a colonialidade se mantém viva nas manuais de apren-
dizagem, nos critérios para os trabalhos acadêmicos, na
cultura, no senso comum, na autoimagem dos povos,
nas aspirações dos sujeitos, em tantos aspectos da mo-



denidade" (Maldonado Torres, 2007, p. 131).

Por toda a capacidade expressiva, comunicativa e simbólica da arte, os aspectos levantados refletem na legitimação de um conjunto de obras que validam os padrões, conceitos, meios e simbologias da produção cultural e artística europeia e americana, legitimando seu desvalorizando outras formas e culturas. Mas que por outro lado, possibilitam processos de embate, transgressão, questionamento e inversão dessa lógica criando campos de tensão.

Questão 2

Qualquer tipo de arte dialoga com o seu tempo, com as problemáticas pertinentes ao seu momento histórico, e com a arte contemporânea não é diferente. As questões de raça-étnia, promoção de memória e identidade, se uniram como fôca de interesses artísticos na contemporaneidade brasileira.

Muitos artistas, principalmente afro-brasileiros, criam meios de representação, que debatem e anti-racismo, a subalternização do afrodescendentes e da religiosidade de matriz africana. São trabalhos que reafirmam a não colonização da história e da crítica da arte, para a construção de imagens e subjetividades não coloniais. Citarem alguns artistas que articulam os conceitos de colonialismo e colonialidade (Quijano 2009, Maldonado Torres 2007) e de memória e identidade (Pallak 2010, Le Goff 1990, Bauman 2005) em suas obras.

Ayrton Heráclito, artista negro, trabalha com narrativas implícitas da presença afrodescendente no Bra-



sil, ora subvertendo a ordem colonial apontando o Atlântico negro, como rota de troca cultural, flagelo do povo africano e os problemas da mestiçagem, ora revelando as permanências das religiões de matriz africana e suas simbologias.

Na obra "Trópicos", Anjão Martins discute poeticamente a herança colonial no Brasil, não evidenciando ou exaltando um falso romantismo, mas desconstituindo esse passado e propondo um debate sobre o lugar do afrodescendente. Através da fragmentação de imagens, sua obra dialoga com o pós-colonialismo, os fluxos migratórios dos africanos, a desumanização dos navios negreiros, as leis abolicionistas, a revolta em desses países, sua escravização e seus dramas sociais.

O trabalho da paulista Rosana Paulina traz a história de mulheres negras no Brasil e/ou de mulheres aqui escravizadas. Um exemplo de que a arte contemporânea brasileira, principalmente feita por afro-brasileiras, é um depósito histórico que preserva memórias e identidades, que levanta questões a serem apreciadas sob diversos aspectos, especialmente sociológico e antropológico. Paulina trata diretamente de questões relacionadas à raça, mulher e negra em nosso país, como reflexões sobre a herança escravista e os estereótipos envolvendo a raça.

Na série "Bastidores", Paulina coloca em evidência a mulher negra discriminada, "proibida de falar e ver, de participar do contexto social, de se fazer ouvir, excluída nos bastidores do estúdio. Já na



língua "Atlântico Vermelho", ela apresenta a visão do atlântico tingido pelo sangue. A artista tenta evocar por a história do tráfico e da escravidão no Brasil, juntando fragmentos que as referenciam, sendo o sangue, o povo africano e a dominação portuguesa as principais peças da obra. Nesse trabalho, a fotografia de uma jovem escrava em posição e negativo nos faz pensar sobre o oculto dessa história.

Esses exemplos, de obras e artistas, invertem a lógica tradicional, propondo novos campos de contato com as histórias, memórias e identidades, que ultrapassam os meios de colonização cultural. Reconhecendo que os modos de pertencimento e diferenciação implicam processos de aproximação e distanciamento. Esse faz complexo, nos faz compreender que as diferenças têm um papel essencial na construção da nossa identidade (Gomes, 2003).

Questão N° 3

Com o advento da lei 10.639 em 2003, a relação entre a arte/^{educação} e as questões étnico-raciais deixa de ser uma possibilidade para se tornar uma obrigatoriedade. A referida lei inclui a história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, em toda a educação básica, mas especialmente nas disciplinas de História do Brasil, Literatura e Artes. Dessa forma, os conteúdos, temáticas e artistas trabalhados em sala de aula passam a ser revisados e reformulados.

Até mesmo a arte o homem pode se reconstruir, fa

ativar suas lembranças, sentimentos e percepções da realidade. Possibilitando ao público uma forma de conhecimento e estimulando a capacidade crítica. Essas características são essenciais para a compreensão da importância do referido amparo legal visto que a predominância dos padrões estético/artístico/cultural europeu e americano no processo de ensino-aprendizagem brasileiro.

A grande população afrodescendente em nosso país teve sua memória e identidade suprimida ou desvalorizada no processo educacional. Parte da cultura dos povos originários ou da herança artística africana foi (e ainda é) tratada de forma desprestigada ou folklorizada, ligada ao valor performativo da cultura popular frente à cultura erudita, ou ligada às tradições passadas do folclore brasileiro.

Porém as principais tendências curriculares na atualidade propõem uma reformulação desse contexto. Segundo Silva (2010) o currículo escolar não engloba todo o conhecimento da humanidade, mas privilegia o saber legitimado por certos grupos sociais. As tensões críticas e pós-críticas questionam esse saber como parte de uma elite dominante situada nos padrões mais euclino, branco, heterossexual e euroamericano. Propondo um currículo que leve em consideração visões de gênero, sexualidade, raça e etnia.

Dentro da arte/educação a Proposta triangular de Ana Paes Barbosa e a Cultura Visual Hernandez são as principais correntes que trazem essas perspectivas.

Através da inter-relação de três áreas distintas, o fazer, o ler e contextualizar, Barbosa (2003) propõe



um método de ensino integrado que possibilite desenvolver nos alunos capacidades perceptivas, criativas, comunicativas e crítica. Estimulando não somente o fazer, mas também o conhecer e o pensar na arte. Assim o aluno terá condições de conhecer e se reconhecer no legado artístico brasileiro e dialogar criticamente e esteticamente com ele.

Dentro da cultura visual, Harmindez coloca a necessidade de pensar mal o lugar da imagem e da visualidade no atual contexto midiático e digital que vivemos. Com isso, podemos pensar nos padrões de beleza e estereótipos vinculados nos meios de comunicação, redes sociais e na arte, desenvolvendo práticas pedagógicas que dinamizem essas questões.

Com isso a referida lei, não somente altera a educação básica, como propõe mudanças para a formação de professores e professoras, envolvendo uma revisão das grandes escuridades acadêmicas para seu atendimento. O pensar sobre os currículos, os artistas e temas trabalhados não podem passar despercebidos dessas problemáticas.

Na medida em que as imagens - servem de mediação entre o ser e sua realidade, entre os discursos de empoderamento e representatividade realizados por um determinado grupo social, causando informações, reflexão, justificamos a urgente aproximação da arte no currículo e no universo escolar.